

Novas espécies neotropicais de Acanthocinini (Coleoptera, Cerambycidae)

Miguel A. Monné^{1,2} & Marcela L. Monné¹

¹ Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quinta da Boa Vista, São Cristovão, 20940-040 Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

² Bolsista do CNPq.

ABSTRACT. New species of Neotropical Acanthocinini (Coleoptera, Cerambycidae). Six new species of Acanthocinini are described: *Alcidion inornatum* **sp. nov.** from Colombia, *Baryssinus giesberti* **sp. nov.** from Panama, and four from Brazil, *Baryssinus mimus* **sp. nov.** (Rio de Janeiro), *Carphina melanura* **sp. nov.** (Mato Grosso), *Lophopoenopsis albosparsus* **sp. nov.** (Bahia, Espírito Santo) and *Pseudolepturges caesius* **sp. nov.** (Rondônia, Pará).

KEY WORDS. Lamiinae; taxonomy.

RESUMO. Seis novas espécies são descritas em Acanthocinini: *Alcidion inornatum* **sp. nov.** da Colômbia, *Baryssinus giesberti* **sp. nov.** do Panamá e quatro do Brasil, *Baryssinus mimus* **sp. nov.** (Rio de Janeiro), *Carphina melanura* **sp. nov.** (Mato Grosso), *Lophopoenopsis albosparsus* **sp. nov.** (Bahia, Espírito Santo) e *Pseudolepturges caesius* **sp. nov.** (Rondônia, Pará). **PALAVRAS-CHAVE.** Lamiinae; taxonomia.

O presente trabalho faz parte do estudo revisivo, realizado pelos autores, da tribo Acanthocinini, que apresenta 149 gêneros e mais de 950 espécies na Região Neotropical (MONNÉ 2005). Seis novas espécies são descritas sendo duas em *Baryssinus* Bates, 1864, uma em *Alcidion* Sturm, 1843, uma em *Carphina* Bates, 1872, uma em *Lophopoenopsis* Melzer, 1931 e uma em *Pseudolepturges* Gilmour, 1957. O material examinado pertence à American Coleoptera Collection, San Antonio, Texas (ACMT), ao Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (MNRJ) e ao National Museum of Natural History, Washington, D.C. (USNM).

Alcidion inornatum **sp. nov.**

Fig. 1

Fêmea. Tegumento castanho-avermelhado com pubescência acinzentada. Pubescência amarela: estreita faixa junto às margens anterior (pouco aparente) e posterior do pronoto; élitros com quatro manchas pouco aparentes, a primeira pequena, de contorno arredondado junto à sutura no final do quinto basal, a segunda transversal, parcialmente esbranquiçada, aproximada da margem no fim do quarto anterior, a terceira pequena e arredondada no meio da sutura e a quarta junto à carena dorsal no início do quarto distal.

Cabeça com raras cerdas eretas e pretas. Antenas alcançam as extremidades dos élitros no antenômero VII; com cerdas esparsas e pretas, inclusive no escapo.

Lados do protórax com tubérculo pós-mediano pequeno, com ápice direcionado para os lados. Pronoto intumescido e com fileira de pontos esparsos junto ao bordo posterior. Processo prosternal estreito, cerca de 1/3 da procoxa. Processo

mesosternal tão longo quanto a mesocoxa. Ápices elitrais de per si acuminados e projetados em longo espinho aguçado e com depressão aos lados da sutura. Pontuação restrita aos pontos setíferos suberetos, esparsa e não alinhada em fileiras longitudinais. Tibias com cerdas esparsas e pretas. Protarsômero I ligeiramente mais longo que o II; meso- e metatarsômeros I 1/3 mais longos que o II.

Margem apical do urotergito V profundamente chanfrada e com ângulos projetados em longo espinho aguçado; urosterito V com a margem truncada.

Dimensões, em milímetros, holótipo fêmea. Comprimento total, 8,7; comprimento do protórax, 1,3; maior largura do protórax, 2,0; comprimento do élitro, 7,0; largura umeral, 3,5.

Material-tipo. Holótipo fêmea, COLÔMBIA, Cauca: Carretera Popayán-Puracé, km 15, 2200 m, 31.V.1972, C. Bordón *leg.* (MNRJ).

Discussão. *Alcidion* Sturm, 1843 apresenta atualmente 15 espécies que distribuem-se na região Neotropical (MONNÉ 2005). *Alcidion inornatum* **sp. nov.** (Fig. 1) difere, de maneira geral, das demais espécies do gênero pelo protórax, aos lados, com tubérculo pós-mediano pouco manifesto; nas outras espécies os tubérculos são mais próximos da margem posterior e, de maneira geral, mais evidentes. Seis espécies ocorrem na região Amazônica e destas, *Alcidion inornatum* **sp. nov.** assemelha-se à *A. chryseis* (Bates, 1864), *A. sulphurifer* (White, 1855) e *A. partitum* (White, 1855) pelos ápices elitrais de per si acuminados e projetados em longo espinho aguçado e com depressão aos lados da sutura. *Alcidion inornatum* **sp. nov.** difere de *A. chryseis* pelo tegumento sem brilho metálico, de *A. partitum* pela presença de cerdas no escapo e de *A. sulphurifer* pelos élitros com pontos

setíferos escassos e não alinhados. Em *A. chryseis* a cabeça, pronoto e élitros apresentam reflexo verde metálico, *A. partitum* não tem cerdas no escapio e os élitros em *A. sulphurifer* apresentam pontos setíferos abundantes e organizados em fileiras longitudinais.

Etimologia. Latim, *inornatum* = sem ornamento; referente às manchas elitrais pouco aparentes.

Baryssinus giesberti sp. nov.

Fig. 2

Macho. Tegumento predominantemente castanho-claro; castanho-avermelhado nas pernas e face ventral. Pubescência de maneira geral castanho-amarelada, com brilho sedoso. Pubescência branca reveste: cabeça, pronoto (exceto manchas medianas castanho-escuras na metade posterior e máculas arredondadas da mesma cor junto às orlas anterior e posterior); nos élitros, uma curta mancha longitudinal a cada lado do escutelo e faixa larga transversal pós-mediana, com abundantes pontos setíferos ornados com pilosidade castanho-escura; metade apical do metasterno e face interna dos meso- e metafêmures.

Antenas alcançam as extremidades dos élitros no meio do antenômero VI; com raras cerdas eretas e pretas.

Lados do protórax com tubérculos com ápice voltado em direção aos úmeros. Pronoto com uma fileira de pontos grossos junto à orla posterior. Processo prosternal cerca de 1/3 da largura da procoxa; processo mesosternal com suave declive anterior e tão largo quanto a mesocoxa. Élitros com cerdas semidecumbentes; sem carena lateral pós-umeral; com pontos mais finos que os do pronoto, densos e profundos na metade basal, esparsos e rasos para os ápices; pontos setíferos parcialmente alinhados, mais densos no terço posterior. Crista centro-basal dos élitros pouco elevada, revestida de pubescência castanho-escura e setas longas e eretas; ápices elitrais arredondados. Tíbias com cerdas abundantes e pretas. Pro- e mesotarsômeros I 1/3 mais longos que o II; metatarsômero I 1,5 vezes mais longo que o II.

Urotergito e urosternito V com a margem apical truncada.

Dimensões, em milímetros, holótipo macho. Comprimento total, 9,0; comprimento do protórax, 2,0; maior largura do protórax, 3,2; comprimento do élitro, 6,8; largura umeral, 4,0.

Material-tipo. Holótipo macho, PANAMÁ, Panamá: El Llano-Carti Rd., km 8-11, 1100', 24.V-2.VI.1992, J.E. Wappes leg. (USNM).

Discussão. *Baryssinus* Bates, 1864 apresenta 13 espécies que ocorrem na região Neotropical (MONNÉ 2005). *Baryssinus giesberti* sp. nov. (Fig. 2) difere de *B. bicirifer* Bates, 1872, *B. lineaticollis* (Gounelle, 1910), *B. penicillatus* Bates, 1864 e *B. robertoi* Monné & Martins, 1976 pela ausência de carena lateral pós-umeral e das demais espécies de *Baryssinus* (exceto *B. marcelae* Martins & Monné, 1974) pelo pronoto sem faixas sinuosas longitudinais de pubescência castanho-escura ou preta. O elaborado desenho elitral também permite diferenciar *B. giesberti* sp. nov. de suas congêneres, inclusive *B. marcelae*.

Etimologia. O epíteto é uma homenagem ao saudoso Edmund F. Giesbert, Los Angeles, Califórnia.

Baryssinus mimus sp. nov.

Fig. 3

Macho. Tegumento castanho-escuro a preto. A pubescência cinzento-esbranquiçada reveste a metade basal dos antenômeros III-XI, metade anterior dos élitros, pernas e face ventral. A pubescência preta recobre o occipício, o escapio, a metade distal dos antenômeros III-XI; o protórax e escutelo; nos élitros, uma estreita mancha pós-escutelar na sutura, uma pequena mancha arredondada na base, a cada lado do escutelo, na crista centro-basal e na faixa transversal em ziguezague no início do terço distal; na face ventral, recobre os epimeros, episternos e margem lateral anterior do metasterno. A pubescência amarelo-escura reveste a fronte, uma mancha pequena e arredondada a cada lado do meio do pronoto; nos élitros, mácula circumescutelar, mancha grande que limita anteriormente a pubescência preta na metade distal, e mancha grande anteapical de contornos irregulares.

Antenas alcançam as extremidades dos élitros no ápice do antenômero VII; ornadas com cerdas eretas, esparsas e pretas.

Lados do protórax com tubérculos no início do terço posterior, aguçados e com os ápices dirigidos para os úmeros; pronoto sem tubérculos e com pontuação moderadamente grossa, restrita à fileira junto à margem posterior. Processo prosternal com 1/4 da largura procoxa; processo mesosternal tão largo quanto a mesocoxa. Élitros com cerdas semidecumbentes, pretas; sem carenas; crista centro-basal formada por pêlos eretos, pretos; pontuação restrita aos pontos setíferos; ápices obliquamente subtruncados, ângulos sem espinhos. Tíbias com cerdas esparsas e pretas. Protarsômero I ligeiramente mais longo que o II; meso- e metatarsômeros I 1/3 mais longos que o II.

Urotergito e urosternito V truncados na margem apical.

Dimensões, em milímetros, holótipo macho. Comprimento total, 10,0; comprimento do protórax, 2,0; maior largura do protórax, 3,0; comprimento do élitro, 7,0; largura umeral, 4,0.

Material-tipo. Holótipo macho. BRASIL, Rio de Janeiro: Silva Jardim, I.1981, O. Roppa leg. (MNRJ).

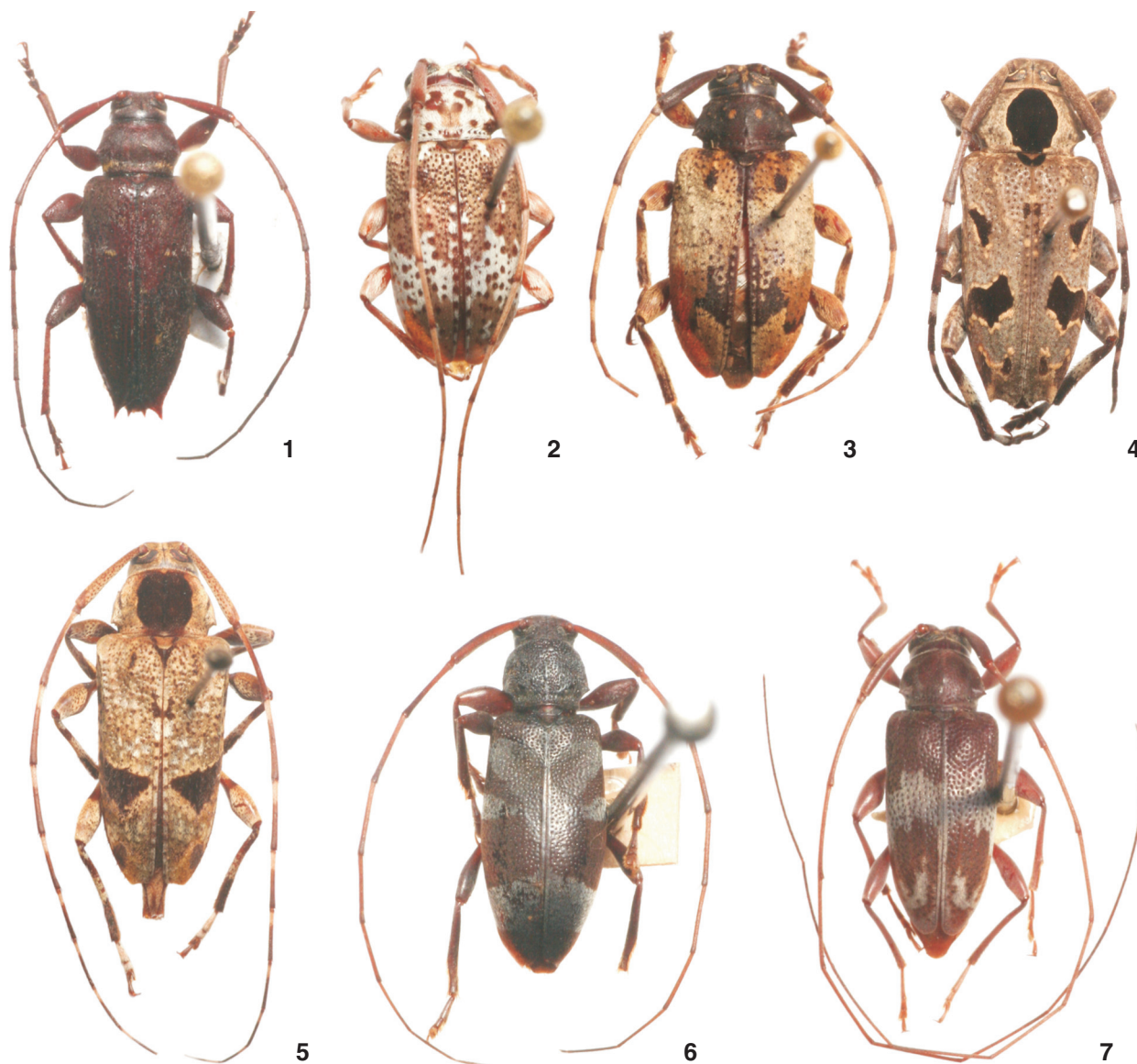
Discussão. Assim como em *Baryssinus giesberti* sp. nov., *B. mimus* sp. nov. (Fig. 3) não apresenta carena lateral nos élitros e o pronoto não tem faixas longitudinais. A pubescência do pronoto, preta com duas pequenas manchas de pubescência amarelo-escura medianas, diferem esta das demais espécies do gênero.

Etimologia. Latim, *mimus* = imitador; refere-se à semelhança na coloração que *B. mimus* sp. nov. tem com espécies do gênero *Eupromerella* (Acanthoderini), principalmente *E. propinqua* (Melzer, 1931) e *E. semigrisea* (Bates, 1861).

Carphina melanura sp. nov.

Fig. 4

Fêmea. Tegumento castanho-escuro. Pubescência predominantemente acinzentada, densa. Pubescência preta aveludada recobre: mancha mediana longitudinal, com as margens laterais arredondadas, no pronoto, lados do escutelo e, em cada élitro,



Figuras 1-7. (1) *Alcidion inornatum* sp. nov., holótipo fêmea, comprimento 8,7 mm; (2) *Baryssinus giesberti* sp. nov., holótipo macho, comprimento 9,0 mm; (3) *Baryssinus mimus* sp. nov., holótipo macho, comprimento 10,0 mm; (4) *Carphina melanura* sp. nov., holótipo fêmea, comprimento 12,0 mm; (5) *Carphina sigillata* parátipo fêmea, comprimento 12,0 mm; (6) *Pseudolepturges caesius* sp. nov., holótipo fêmea, comprimento 6,0 mm; (7) *Lophopoenopsis albosparsus* sp. nov., holótipo macho, comprimento 7,3 mm.

cinco manchas total ou parcialmente circundadas de estreita linha de pilosidade branco-amarelada, a primeira pequena, junto à sutura no fim do quarto basal, a segunda pequena, na mesma altura junto à carena lateral, a terceira grande, pós-mediana e oblíqua, de contorno irregular, equidistante da sutura e da margem e as duas últimas pequenas, anteapicais. Antenômeros IV, VI, VIII e X revestidos de pubescência branca, nos três quartos anteriores. Mesepisternos, metepisternos, lados do metasterno e fêmures revestidos de pubescência castanho-escuro, entremeada

com acinzentada. Tíbias castanho-escuras exceto faixa mediana esbranquiçada. Centro dos urosternitos I-V e lados do V subglabros, expondo o tegumento castanho-escuro.

Antenas apenas atingem os ápices dos élitros. Escapo ligeiramente mais longo que o antenômero III e este 1/3 mais longo que o IV; V-XI distintamente decrescentes para a extremidade; XI cerca de 1/3 do comprimento do III.

Lados do protórax com tubérculo pós-mediano, rombo. Pronoto sem elevações; pontuação grossa restrita à fileira junto

ao bordo posterior. Processo prosternal com a metade da largura da procoxa; processo mesosternal tão largo quanto a mesocoxa. Élitros com pontos grossos no terço basal e carena dorsal nitidamente demarcada nos dois terços anteriores; ápices transversalmente chanfrados, ângulos projetados em espinho obtuso.

Urotergito V com a margem apical subarredondada e urosternito V, semicircularmente chanfrada.

Dimensões, em milímetros, fêmea. Comprimento total, 12,0/13,0; comprimento do protórax, 3,5/3,6; maior largura do protórax, 4,0/4,1; comprimento do élitro, 8,0/8,7; largura umeral, 5,0/5,2.

Material-tipo. Holótipo fêmea. BRASIL, *Mato Grosso*: Rio Verde, XI.1965, A. Maller leg. (MNRJ); parátipos: fêmea, mesmos dados do holótipo, XI.1964 (MNRJ); fêmea, XII. 1965 (MNRJ).

Discussão. O gênero *Carphina* Bates, 1872 apresenta oito espécies (MONNÉ 2005) e destas, apenas *Carphina sigillata* Monné, 1985 (Fig. 5) apresenta uma grande mancha centro-mediana de pubescência preta no pronoto, assemelhando-se à pubescência do pronoto de *C. melanura* sp. nov. (Fig. 4). Esta espécie difere de *C. sigillata* pelo pronoto sem elevações, pelas antenas que apenas alcançam os ápices elitrais, com os antenômeros IV-XI distintamente decrescentes em comprimento e pelas extremidades elitrais com curto espinho no lado externo. Em *C. sigillata*, o pronoto apresenta tubérculo raso e centro-mediano, as antenas, nas fêmeas, ultrapassam os ápices elitrais no antenômero VII, os antenômeros IV-XI são gradualmente decrescentes em comprimento e os ápices dos élitros são obliquamente truncados, inermes no lado externo.

Etimologia. Grego, *melanura* = preto; referente à coloração da pubescência da mancha do pronoto.

Lophopoenopsis Melzer, 1931

Lophopoeum (*Lophopoenopsis*) Melzer, 1931: 63.
Lophopoenopsis; Gilmour, 1957: 10.

Espécie-tipo: *Lophopoenopsis singulare* Melzer, 1931, por designação original, registrada para o Brasil, do Espírito Santo ao Paraná.

O conjunto de caracteres mencionados a seguir permitem diferenciar *Lophopoenopsis* dos demais gêneros de Acanthocinini desprovidos de setas eretas na superfície dos élitros: antenas sem tufo de pêlos, protórax com tubérculo lateral, pronoto sem tubérculos elevados, processo mesosternal fortemente estreitado para trás, élitros sem carena lateral e metatarsômero I mais longo que II+III.

Lophopoenopsis albosparsus sp. nov.

Fig. 7

Macho. Tegumento predominantemente castanho-escuro; tegumento castanho-avermelhado nas antenas, base dos fêmures, tíbias e tarsos. Pubescência de maneira geral acinzentada, esparsa e com brilho sedoso. Pubescência branco-acinzentada recobre, nos élitros, faixa transversal mediana de contornos irregulares e mancha antepical em forma de "U". Escutelo

recoberto por pubescência acinzentada densa.

Antenas muito longas, cerca de três vezes o comprimento do corpo, atingem a extremidade dos élitros no ápice do antenômero IV, o XI cerca de uma vez e meia o comprimento do X.

Lados do protórax com tubérculos pós-medianos aguçados no ápice. Pronoto com superfície irregular, sem tubérculos manifestos; pontuação fina e densa em toda a superfície. Processo prosternal muito estreito, aproximadamente 1/7 da procoxa. Processo mesosternal distintamente estreitado para trás, largura cerca de 1/5 da mesocoxa. Élitros fina e densamente pontuados, principalmente na metade basal; extremidades arredondadas.

Urotergito e urosternito V transversalmente truncados na margem apical.

Dimensões, em milímetros, holótipo macho. Comprimento total, 7,3; comprimento do protórax, 1,5; maior largura do protórax, 1,7; comprimento do élitro, 5,2; largura umeral, 2,0.

Material-tipo. Holótipo macho. BRASIL, *Bahia*: Encruzilhada, Estrada Rio-Bahia km 965 (Motel da Divisa, 960 m), XI. 1974, Seabra & Roppa leg. (MNRJ). Parátipos, dois machos, mesmos dados, XI.1970 (MNRJ); Itapetinga, macho, XI.1969, F.M. Oliveira leg. (MNRJ). *Espírito Santo*: Linhares, XII.1978, B. Silva leg. (MNRJ).

Discussão. *Lophopoenopsis albosparsus* sp. nov. (Fig. 7) separa-se de *L. singulare* Melzer, 1931 pelos lobos superiores dos olhos aproximados, distantes entre si 1/4 da largura de um lobo; em *L. singulare* os lobos são nitidamente separados, tão distantes entre si quanto a largura de um lobo; além disso, nesta espécie, os tarsômeros são recobertos por fina e densa pubescência cinza esbranquiçada, enquanto em *L. albosparsus* sp. nov. os tarsômeros têm pubescência rala, acastanhada.

Etimologia. Latim, *albus* = branco, *sparsus* = esparsa; referente à pubescência.

Pseudolepturges Gilmour, 1957

Pseudolepturges Gilmour, 1957: 26.

Espécie-tipo, *Pseudolepturges rufulus* (Bates, 1885) por designação original, mencionada para Guatemala.

Os caracteres que permitem distinguir *Pseudolepturges* dos gêneros de Acanthocinini neotropicais com os élitros desprovidos de setas eretas são: élitros sem crista centro-basal e sem carenas laterais, protórax com lados paralelos e tubérculo lateral situado no terço posterior, pronoto sem tubérculos, sulco da base do pronoto interrompido pela inserção dos tubérculos, antenas com 11 antenômeros e primeiro metatarsômero de comprimento mais longo que os dois seguintes reunidos.

Pseudolepturges caesius sp. nov.

Fig. 6

Fêmea. Tegumento predominantemente preto. Tegumento castanho-avermelhado nas antenas, pernas e face ventral. Pubescência de maneira geral castanho-escuro. Pubescência azul-acinzentada disposta em manchas nos élitros: a primeira arredondada, pós-escutelar, junto à sutura; a segunda na metade

basal, transversa, da sutura à margem; a terceira pequena e arredondada, no meio da sutura, apenas separada de faixa transversal que alcança a margem e a última reveste o terço apical sem alcançar as extremidades. Protórax, nos lados, revestido de fina pubescência acinzentada.

Cabeça fina e densamente pontuada no occipício. Antenas alcançam as extremidades dos élitros no meio do antenômero VII; extremidade distal dos antenômeros com escassas setas eretas.

Protórax com os lados subparalelos nos 2/3 anteriores; tubérculos laterais pequenos e aguçados, situados no início do terço posterior. Pronoto sem tubérculos, muito densamente pontuado. Élitros com os ápices transversalmente chanfrados, os ângulos projetados em espinho obtuso, o externo mais desenvolvido que o sutural.

Urotergito V com a margem apical truncada; urosternito V com a margem apical chanfrada e ângulos com curto espinho.

Macho. Antenas alcançam os ápices dos élitros na extremidade distal do antenômero VI; urotergito e urosternito V com as margens apicais truncadas.

Dimensões, em milímetros, macho/fêmea. Comprimento total, 5,0/6,0; comprimento do protórax, 0,9/1,1; maior largura do protórax, 1,5/1,5; comprimento do élitro, 3,5/4,4; largura umeral, 1,8/1,8.

Material-tipo, holótipo fêmea, BRASIL, Rondônia: Ouro Preto do Oeste, X.1983, O. Roppa, J. Becker & B. Silva *leg.* (MNRJ); parátipo fêmea, mesmos dados do holótipo (MNRJ); parátipo macho, 62 km SW Ariquemes (Rancho Grande), 10.XI.1994,

O'Brien *leg.* (ACMT); parátipo macho, Pará: Tucuruí, I.1980, B. Silva *leg.* (MNRJ).

Discussão. *Pseudolepturges caesius* sp. nov. (Fig. 6) difere de *P. rufulus* (Bates, 1885) pelo desenho e coloração elitral com manchas de pubescência azul-acinzentada e pelo pronoto muito fina e densamente pontuado. Em *P. rufulus* (BATES 1885: 406, pr. 24, fig. 26) os élitros são amarelados, com máculas cinzentoesbranquiçadas e o pronoto não apresenta pontuação densa.

Etimologia. Latim, *caesius* = azul-acinzentado; referente à coloração da pubescência nos élitros.

AGRADECIMENTOS

A. José R.M. Mermudes (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) pela execução das fotos e a James Wappes (ACMT) pelo envio de material.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATES, H.W. 1885. *Biologia Centrali-Americana*, Insecta, Coleoptera, suppl. to Longicornia. London, 5: 249-436.
- GILMOUR, E.F. 1957. On the Neotropical Acanthocinini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). Some new genera and species. *Arquivos de Biologia e Tecnologia* 10 (1): 3-36.
- MELZER, J. 1931. Longicórneos americanos, principalmente do Brasil, novos ou pouco conhecidos (Coleoptera, Cerambycidae). *Archivos do Instituto Biológico* 4: 51-82.
- MONNÉ, M.A. 2005. Catalogue of the Cerambycidae (Coleoptera) of the Neotropical Region. Part II. Subfamily Lamiinae. *Zootaxa* 1023: 1-759.

Recebido em 09.V.2007; aceito em 20.XI.2007.